

ENTREVISTA

“O realismo é sempre mágico”

Mia Couto

FRONT



FERNANDO GOMES - BD 13/11/2012

diario.com.br

Leia a entrevista na íntegra

Em suas obras o realismo não é uma característica. É algum tipo de resistência?

Mia Couto – Não, na verdade não sei fazer de outro modo. Também não sei se concordo com esse esparrifo na classificação e demarcação de gêneros literários. Eu venho da poesia e creio permanecer nela quando escrevo prosa. E mesmo aquilo que se chama “realismo mágico” em contraposição com o “realismo” me parece uma construção de quem não entende o imaginário que é dominante nos chamados países do Terceiro Mundo. O realismo é sempre mágico e a literatura é esquiva a esta departamentalização. Quem inventou essas classificações não foram os escritores. Eu gostaria, pelo menos, que a minha não coubesse nesse caixilho.

Recentemente você disse que ia terminar um livro de prosa, mas foi atropelado pela poesia. Conto, prosa, poesia são diferentes para você, como formas de expressão?

Mia - Quando me surge uma ideia e ela me ocupa de modo obsessivo como se me engravidasse, eu sei, de imediato, que está ali um núcleo de qualquer

“

Quero concentrar nessa disciplina do texto longo e sou constantemente visitado por versos.

coisa. Eu sei se ela pede a poesia ou a prosa breve de um conto. E quando ela se enovela então eu sei que estou perante a proposta de uma narrativa mais longa. Na verdade, de todas as vezes que me propus escrever um romance eu comecei por ser atropelado por versos que me surgem quase involuntariamente.

Você tem uma forma co-movente de explicar o mundo. Para que serve a ficção?

Mia - Nós precisamos viver em fantasia e carecemos da ficção como do ar que respiramos. Aconteceu assim desde que somos espécie humana. Era vital caçar tanto como era vital produzir e contar histórias de caça, pintar e esculpir cenas de caça. Os grandes caçadores eram grandes sonhadores. Antecipavam em sonho o que ia suce-

der e venciam os seus medos e fragilidades nessa construção ficcional. E mais ainda essa fantasia os tornava próximos dos deuses. Ainda hoje cerca de 30% do nosso tempo é passado no exercício da fantasia (lendo, jogando, vendo tv).

Você parece acreditar que há sempre uma outra maneira de olhar para as coisas e até mesmo temas como violência e dor são abordados depois de algumas voltas. Há alguma razão para isso?

Mia - Acredito que quase sempre é a pergunta e não a resposta que está errada. A maior parte das vezes que pensamos dialogar estamos laborando num erro de base: o que os outros dizem não é o que escutamos. No fundo, falta-nos estar disponíveis para entender os outros. Falta sermos capazes de

“

A poesia me ajuda a limpar o pensamento. É como a chuva que deve acontecer para limpar o céu.

sairmos de nós. A imagem que temos desses outros (e sobretudo dos nossos supostos inimigos) é feita de clichês.

Tem trabalhado em alguma nova obra?

Mia - Estou. Trata-se de um romance que tem a ver com um império indígena que dominou o Sul de Moçambique de 1830 até ao final do século 19. Uma vez mais, contudo, fui atropelado pela poesia. E aconteceu-me um livro de poemas que está terminado e será lançado em outubro. Esse novo livro de poesia chama-se *Vagas e Lumes*.

Em um texto você disse que o mundo estava desencantado. O que isso quer dizer?

Mia - Eu lutei não apenas pela independência do meu país mas por uma mudança revolucionária da sociedade moçambicana. A independência aconteceu, a revolução socialista também. Mas ela foi derrotada e os mesmos que proclamaram derrubar o capitalismo são hoje capitalistas bem instalados. Mas isso não faz de mim um desencantado. Não fiquei amargo. Eu é que entendi mal a complexidade da mudança que sonhava.

E pensava o mundo de forma simplista. O projeto político que abracei não era tão encantado assim. Estamos partilhando todos um mesmo sentimento de desnorre. Isso acontece de forma global. Deixamos de entender quem manda, as forças que detêm o poder já não são tanto os governos. Os capitalistas que combati pelo menos tinham nome e rosto. Mas o mundo não foi desencantado apenas por razão de regimes políticos. Há algo anterior a isso. O modo

“

A ficção não serve. É como o amor. E não servem não porque sejam inúteis mas porque estão para além de uma razão funcional.

como pensamos o mundo deve ser repensado. Temos que aceitar que não será apenas por via da tecnologia que alcançaremos mais e melhor. Precisamos de um outro fundamento para entender o mundo e para ser felizes de modo coletivo.